

Lição 3: Conhecimento pré-existente da conclusão

“ a24. Antes de ser conduzido— a28. Se esta distinção— a30. pois não podemos— b1. contudo, o que sabem —b5. Por outro lado

Tendo mostrado a maneira como certas outras coisas devem ser conhecidas antes que se obtenha o conhecimento da conclusão, o Filósofo deseja agora mostrar como conhecemos até mesmo a conclusão de antemão, isto é, antes que o conhecimento dela seja obtido por meio de um silogismo ou indução. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro (71a24), estabelece a verdade do fato, dizendo que antes de uma indução ou silogismo ser formado para gerar conhecimento de uma conclusão, essa conclusão é de algum modo conhecida e de algum modo não conhecida: pois, absolutamente falando, não é conhecida; mas em um sentido qualificado, é conhecida. Assim, se a conclusão de que um triângulo tem três ângulos iguais a dois retos precisa ser provada, aquele que obtém ciência desse fato através da demonstração já o conhecia de alguma forma antes de ser demonstrado; embora, absolutamente falando, não o conhecesse. Portanto, em um sentido ele já o conhecia, mas no sentido pleno não. E a razão é que, como foi apontado, os princípios da conclusão devem ser conhecidos de antemão. Ora, os princípios em questões demonstrativas estão para a conclusão como as causas eficientes nas coisas naturais estão para seus efeitos; daí que na *Física* II as proposições de um silogismo são colocadas no gênero de causa eficiente. Mas um efeito, antes de ser realmente produzido, pré-existe virtualmente em suas causas eficientes, mas não atualmente, o que é existir absolutamente. Da mesma forma, antes de ser extraída de seus princípios demonstrativos, a conclusão é pré-conhecida virtualmente, embora não atualmente, em seus princípios autoevidentes. Pois é dessa maneira que ela pré-existe neles. E assim fica claro que não é pré-conhecida no sentido pleno, mas em algum sentido.

Em segundo lugar (71a28), em virtude desse fato estabelecido, ele resolve uma dúvida que Platão sustentou no livro *Mênon*, que recebe seu título do nome de seu discípulo. A dúvida é apresentada da seguinte maneira: Uma pessoa totalmente ignorante da arte da geometria é interrogada de maneira ordenada sobre os princípios *per se* conhecidos dos quais uma conclusão geométrica é deduzida. Começando por princípios que são *per se* conhecidos, a cada um dos quais essa pessoa ignorante de geometria dá uma resposta verdadeira, e conduzindo-a assim por perguntas até a conclusão, ela dá a resposta verdadeira passo a passo. A partir disso, portanto, ele quereria que mesmo aqueles que parecem ignorar certas artes realmente têm conhecimento delas antes de serem instruídos nelas. E assim se segue que ou um homem não aprende nada ou aprende o que já sabia.

Ao lidar com este problema, ele [Aristóteles] faz quatro coisas. Primeiro, sugere que ele não pode ser resolvido a menos que concedamos a verdade estabelecida acima, a saber, que a conclusão que uma pessoa aprende através da demonstração ou indução já era conhecida, não absolutamente, mas como era virtualmente conhecida em seus princípios, sobre os quais uma pessoa ignorante de uma ciência pode dar respostas verdadeiras. No entanto, de acordo com a teoria de Platão, a conclusão era pré-conhecida absolutamente, de modo que ninguém aprende de novo, mas é levado a recordar por algum processo racional de dedução. Isso é semelhante à posição de Anaxágoras sobre as formas naturais, a saber, que antes de serem geradas, elas já pré-existiam na matéria absolutamente, enquanto Aristóteles diz que elas pré-existem em potência e não absolutamente.

Em segundo lugar (71b1), ele mostra que a maneira como alguns responderam ao problema de Platão é falsa, a saber, dizendo que uma conclusão não é de modo algum conhecida antes de ser demonstrada ou aprendida por algum método ou outro. Pois eles poderiam enfrentar a seguinte objeção baseada no problema de Platão: Se uma pessoa inculta fosse perguntada por alguém: "Você sabe que toda dupla (par) é um número par?" e, se ao responder que sim, ela conhece isso, lhe fosse apresentada uma dupla que a pessoa interrogada não sabia que existia, por exemplo, a dupla que é um terço de seis, a conclusão seria que ela sabia que um terço de seis é um número par, um fato que não era conhecido por ela mas que ela aprendeu através da demonstração que lhe foi proposta. E assim parece seguir-se que ou ela não aprendeu isso de novo ou aprendeu o que já sabia. Para evitar este dilema, eles responderiam que a pessoa que foi questionada e que respondeu que sabia que toda dupla é um número par não disse que sabia toda dupla absolutamente, mas aquelas que sabia serem duplas. Portanto, como aquela dupla que foi proposta era totalmente desconhecida para ela, ela não sabia de modo algum que esta dupla era um número par. E assim se segue que quando se conhece os princípios, a conclusão não é de modo algum pré-conhecida, nem absolutamente nem em um sentido qualificado.

Em terceiro lugar (71b1), ele refuta esta solução da seguinte maneira: Aquilo é conhecido sobre o qual se tem uma demonstração, ou sobre o qual uma demonstração é recebida pela primeira vez. E isto é dito por causa daqueles aprendizes que começam a conhecer cientificamente. Mas os aprendizes não obtêm uma demonstração tocando toda dupla que por acaso conhecem, mas toda dupla absolutamente; e o mesmo se aplica a todo número ou todo triângulo. Portanto, não é verdade que ele sabe algo sobre todo número que sabe ser um número, ou sobre toda dupla que sabe ser uma dupla, mas ele sabe isso sobre toda absolutamente. E que ele sabe isso não apenas de todo número que por acaso sabe ser um número, mas de todo número absolutamente, é provado em (71b5) com base no fato de que a conclusão concorda com as premissas em seus termos. Pois o sujeito e o predicado da conclusão são os extremos maior e menor nas premissas. Mas nas premissas nenhuma proposição sobre número ou linha reta é enunciada com o acréscimo "que você sabe", mas é enunciada de todos sem qualificação. Portanto, também a conclusão da demonstração não é afirmada com a referida qualificação, mas é afirmada de todos sem reserva.

Em quarto lugar (71b5), ele apresenta a verdadeira solução do problema em discussão em termos da verdade já estabelecida, dizendo que nada impede que uma pessoa de algum modo saiba e de algum modo não saiba um fato antes de aprendê-lo. Pois não é um paradoxo se alguém já sabe de algum modo o que aprende, mas seria se já o soubesse da mesma maneira que o sabe quando o aprendeu. Pois aprender é, propriamente falando, a geração de ciência em alguém. Mas aquilo que é gerado não era, antes de sua geração, um ser absolutamente, mas de algum modo um ser e de

algum modo não-ser: pois era um ser em potência, embora atualmente não-ser. E é nisso que consiste ser gerado, a saber, em ser convertido de potência a ato. Da mesma forma, aquilo que uma pessoa aprende não era previamente conhecido absolutamente, como Platão preferia; mas também não era absolutamente desconhecido, como sustentavam aqueles cuja resposta foi refutada acima. Antes, era conhecido em potência, i.e., virtualmente, nos princípios universais pré-conhecidos; no entanto, não era conhecido atualmente no sentido de conhecimento específico. E é nisso que consiste aprender, a saber, em ser trazido do conhecimento potencial ou virtual ou universal ao conhecimento específico e atual.

Revision #3

Created 20 September 2026 15:20:11 by Admin

Updated 20 September 2026 19:40:12 by Admin